

Entre ofícios e e-mails

André Garcia
Da equipe do **Correio**

José Varella 14.3.01

A versão do senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) sobre sua participação no caso da violação do painel do Senado não convenceu o procurador Luiz Francisco de Souza. Um dos principais responsáveis pela situação delicada do ex-presidente do Congresso Nacional — foi a partir de uma gravação de sua autoria que a opinião pública soube da existência de uma lista com os votos secretos da sessão que cassou Luiz Estevão —, o procurador avaliou que o parlamentar baiano contrariou as evidências levantadas pelo Conselho de Ética do Senado ao sustentar que não pediu a lista ao senador José Roberto Arruda.

“Ele (ACM) admitiu o telefonema para a Regina (Borges, ex-diretora do Prodasen), o que mostra a veracidade do depoimento dela; todos os outros funcionários envolvidos prestaram depoimentos plausíveis e corretos; e três procuradores falaram na existência da lista. Prefiro acreditar no depoimento da Regina, até porque o ACM já mentiu outras vezes”, analisou, referindo-se aos desmentidos iniciais do senador de que havia conversado com ele e com os procuradores Guilherme Schelb e Eliana Torelly, há pouco mais de dois meses.

Apesar da ligação umbilical com o caso da violação do painel do Senado, Luiz Francisco teve dificuldades para acompanhar o depoimento de Antonio Carlos Magalhães. Ele passou toda a tarde em seu gabinete no sexto andar do prédio do Ministério Público Federal, no Setor de Autarquias Sul, com o equipamento de som sintonizado na rádio CBN. Mas gastou todo o tempo em que ACM falava entre ligações telefônicas, respostas a mensagens eletrônicas, elaboração de ofícios e conversas com procuradores e jornalistas. “Eu queria acompanhar o depoi-



LUIZ FRANCISCO DESMENTIU ACM, QUE O CHAMOU DE “INTRUSO”: “A REUNIÃO ERA COMIGO E COM O (GUILHERME) SCHELB”

mento, mas não consigo”, lamentava, por volta das 16h.

Somente às 18h, em ponto, Luiz Francisco fez uma pausa nos seus afazeres. Saiu da sala e entrou apressado no elevador dizendo que voltava dali a pouco. “Deve ter ido à lanchonete. Ele ainda não almoçou”, deduziu sua secretária. De fato, o Fusca verde do procurador continuou no estacionamento do Ministério Público. Exatos vinte minutos depois, ele retornou. Direto para seu gabinete, uma pequena sala com centenas de livros e um enorme cartaz com nomes circulados e setas ligando os nomes — entre eles o do ex-secretário-geral da Presidência da República, Eduardo Jorge Caldas Pereira.

A esta altura, o depoimento de Antônio Carlos Magalhães já durava quase quatro horas. Tempo suficiente para que o senador baiano acusasse o procurador de ter participado como “intruso” da conversa com Guilherme Schelb e Eliana Torelly. E ga-

rantisse que foi se encontrar com os procuradores para falar sobre a atuação do Ministério Público, e não sobre corrupção no governo. Foi a senha para que Luiz Francisco resolvesse comentar o depoimento.

INQUÉRITO

Como não pôde acompanhar o desempenho de Antonio Carlos Magalhães, o procurador tomou o cuidado de conversar com colegas para saber detalhes do depoimento. Luiz Francisco rebateu todas as acusações do senador. “Conversa”, respondeu sobre ter participado como intruso do encontro dos procuradores com ACM. “O Guilherme (Schelb, procurador) ligou para mim três dias antes do encontro. A reunião era comigo e com o Schelb. A fita mostra que quando eu entrei na sala ele (ACM) não se incomodou”, relatou.

O procurador também reafirmou que o teor da conversa com

o ex-presidente do Congresso foi quase exclusivamente sobre corrupção no governo. Luiz Francisco disse que Antonio Carlos Magalhães já naquela época perguntou sobre a existência de uma fita que associaria o senador Jader Barbalho (PMDB-PA) aos desvios de verbas da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam). “Ele sabia há dois meses da fita. Nós não sabíamos e hoje existe um inquérito para apurar quem foi o responsável pelo vazamento”.

Luiz Francisco disse que está “cansado” por ter se envolvido com o caso da violação do painel do Senado, que pôs em xeque sua credibilidade entre colegas procuradores — um inquérito administrativo na corregedoria do MP apura a divulgação que ele fez da conversa. Mas garantiu não estar totalmente satisfeito com o desenrolar das investigações. “Só vou ficar feliz se a CPI da Corrupção for instalada”.